

TRANSMASCULINIDADES: UMA REFLEXÃO SOBRE AS VIVÊNCIAS DE UM CORPO TRANSMASCULINO NA DOCÊNCIA

Palavras-Chave: CORPO TRAVESTI, CORPO TRANSMASCULINO, EDUCAÇÃO.

ANTÔNIA MANZOLI DE OLIVEIRA, IFCH – UNICAMP

Orientadora: Prof^a. Dr^a. HELOÍSA ANDREIA DE MATOS LINS, FE – UNICAMP

RESUMO:

Compreendemos com a realização desta pesquisa que o espaço escolar pode funcionar como, dentre vários outros, um espaço capaz de cercear e controlar corpos trans e dissidentes, desde seu interior. A partir de registros iniciais feitos em torno de várias interações ocorridas durante um período de estágio, numa escola da rede pública de Campinas-SP, esta pesquisa foi desenvolvida, tendo como ponto de partida o território educacional e sua relação com os corpos ali circunscritos: o corpo do docente transmasculino, o (meu) corpo travesti, e a comunidade escolar. Dessa maneira, a partir de um viés qualitativo e de uma metodologia da cartografia das memórias - revisitando esses encontros e desencontros, através de narrativas e registros de observações (desenhos, rabiscos, fotografias, anotações de caderno de campo) -, esta pesquisa tem como objetivo principal, a partir do (meu) corpo, memórias e sensibilidade travesti sobre o território educacional e o com foco para o acompanhamento do professor transmasculino, mapear e refletir sobre a (re) produção de pedagogias e atravessamentos. Como tendências mapeadas, o estudo revela, a partir de três momentos que se entrelaçam (minha trajetória atrelada à educação, o adentrar no campo educacional e a reflexão teórica desde os corpos trans "monstruosos" e utópicos, centrada em epistemologias trans): possibilidades outras de espaços e experiências educacionais/subjetivas heterotópicos/as, ou seja, a partir da presença dos corpos trans (e suas ações singulares), outras pedagogias emancipadoras se instauram, a contrapelo da "normalidade", a exemplo do que se concebe como uma pedagogia da monstruosidade.

OBJETIVO:

Esta pesquisa tem como objetivo principal, a partir do (meu) corpo, memórias e sensibilidade travesti sobre o território educacional, mapear e refletir sobre a (re) produção de pedagogias e acontecimentos, envolvendo os corpos que ali acompanhei por ocasião de estágio docente, com foco

em algumas das relações, olhares, manifestações verbais e outras, considerando um professor transmasculino e a comunidade escolar.

Através das memórias e registros sobre o cotidiano escolar experienciadas em estágio docente (postas em caderno de campo em suas mais variadas grafias), busquei refletir sobre a (re) produção de saberes e poderes, principalmente quanto aos processos de subjetivação e performance de gênero, a partir das vivências/experiências do meu corpo travesti, com enfoque analítico voltado ao corpo transmasculino docente na relação com os demais da comunidade escolar. Neste sentido, com tal atenção e sensibilidade, refleti sobre a compreensão de uma corporalidade que vá além dessa visão tida como hegemônica e universal de corpo: cisgênero, heterossexual, branco e homem (etc.), com vistas a confrontá-la com a possibilidade de construção de corpos utópicos (Foucault, 2013). E outras possibilidades de Escola, refletindo sobre um espaço escolar enquanto um espaço heterotópico de possibilidades (Preciado, 2020).

METODOLOGIA:

Buscando afetar e ser afetada durante esse processo, esta pesquisa assume como método uma cartografia das memórias (Silva, 2008; Machado e Moraes, 2021). Munindo-se dos pensamentos de Gilles Deleuze e Félix Guattari, a cartografia - também conhecida como esquizoanálise, rizomática, pragmática e micropolítica - visa reverter um modo mais tradicional de se fazer uma pesquisa. Assumindo essa perspectiva no sentido de realizar uma fratura, e um rompimento com os modos convencionais de se pesquisar, não a compreendendo como um método único e universal (Oliveira et al., 2023).

Através da cartografia da memória, estabeleço como principal corpus de dados desta pesquisa os registros de experiência numa escola pública da cidade de Campinas/SP, realizados por mim em caderno de campo - composto por anotações, rabiscos, desenhos, fotografias -, por ocasião do estágio supervisionado obrigatório do curso de Licenciatura em Ciências Sociais, durante o ano letivo de 2023. Na ocasião, acompanhei duas turmas: uma turma de 2º ano e uma turma de 3º ano; alunos entre 16 e 17 anos do Ensino Médio. Onde retomo assim, através de minhas memórias e sensibilidade a partir da minha própria condição de ouvinte/interpretante que se desloca no tempo, um conjunto de materiais registrados e de narrativas e conversas (Alves e Ferraço, 2018) tidas com o professor, com a finalidade de retomar e ressignificar suas percepções acerca da docência transmasculina.

RESULTADOS E CONCLUSÃO:

Retomando o que foi vivido durante o acompanhamento, e visando colocar em discussão o que foi posto até aqui, esta pesquisa me proporcionou traçar e pensar através de três momentos que se entrelaçam:

- *Primeiro momento:* A compreensão do entendimento do meu corpo travesti e sua trajetória e relação com o ambiente escolar;
- *Segundo momento:* A entrada no ambiente escolar enquanto estagiária, refletindo sobre o corpo transmasculino docente disposto neste ambiente, através de dados obtidos em caderno de campo, fotografias, escritas e grafias outras.
- *Terceiro momento:* Reflexão sobre o que foi vivido durante o período de estágio, buscando compreender a necessidade ou não de espaços outros, de novas pedagogias, partindo assim de corpos trans e dissidentes que fogem da norma inscrita.

Assim, eu parto do entendimento do meu corpo travesti em relação a educação, para poder pensar sobre o impacto que este possui dentro de uma sala de aula, e como é desenvolvido o processo educacional para corpos dissidentes, que a todo momento é relegado esse direito garantido por Lei. Até o momento em que adentro o espaço educacional na posição de estagiária docente, para acompanhar um professor transmasculino e compreender toda a estrutura que é posta sobre o seu corpo. Dessa maneira, nesse segundo momento, realizei - em caráter etnográfico e cartográfico -, através de algumas ferramentas metodológicas como anotações do caderno de campo, desenhos, rabiscos, e fotografias, para pensar sobre o entendimento daquele corpo docente. É através da utilização de grafias outras e compreendendo suas potencialidades para além e em comunhão a escrita (Ingold, 2015; 2022), que pude compreender como era realizada a interação entre o corpo transmasculino e a comunidade escolar, e como isso reverbera no transcrito ao papel.

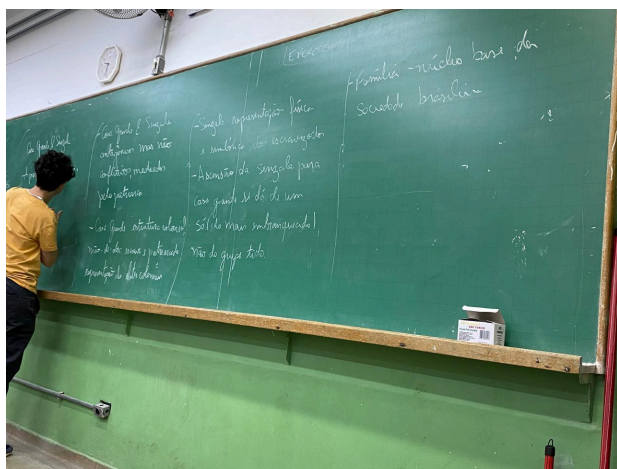


Imagem 1 - Acompanhando a aula do professor

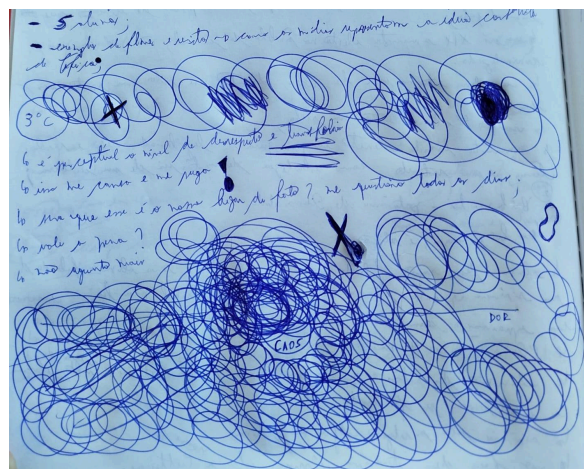


Figura 1 - Registros e rabiscos-dor do caderno de campo

É por meio desses registros e grafias outras, que pude retomar minhas memórias e revisitá-las, a ponto de melhor tentar compreendê-las. Assim, analisando estas e várias outras registradas durante o processo, podemos compreender que em meio à escrita das anotações das aulas, estes registros vinham à tona num sentido de denúncia: palavras desconexas que faziam e fazem sentido, rasuras e rabiscos construídos como num sentido de dar vazão ao que era cabível ali e somente ali. É através desses registros que pude compreender a sensação que era produzida no meu corpo travesti disposto ali, e no corpo transmasculino docente, mediante a todas as violências perpassadas.

Assim, analisando esses *registros-memória*, compreendi que para além de se estabelecerem enquanto autônomos de significados e também enquanto um aporte para a escrita, atuam mediante o transpor do corpo no papel. Marcas, rabiscos, rasuras, círculos infinitos, pontos em que podemos perceber a força com que a mão pesava sobre a caneta, representando o desconforto do lugar-não lugar. O desconforto mediante essa normativa a ser seguida: a necessidade de se registrar todas as vivências ali, em conjunto ao que era debatido em sala de aula, na mesma medida em que a dor transpassava as linhas e permeava o todo.

E com isso, como forma de tentar compreender o espaço escolar para além desse espaço que cerceia e dita como os indivíduos precisam se construir socialmente, é através de outros corpos que fogem a regra estabelecida e ao adentrar no espaço escolar que pude entender a potência de um corpo trans dentro desse território. É em analogia aos pensamentos de Shabel (2023), que esse espaço pode se ressignificar com a presença de *corpos monstruosos*, estabelecendo outras maneiras de enxergar as diferenças dentro da sala de aula, e possibilitando que seja construído uma noção de igualdade por meio das singularidades de cada um. É através de uma escuta ativa, colocando o cotidiano dos alunos em foco durante as aulas, e estabelecendo diálogos para sanar discursos preconceituosos, que nossos corpos estão construindo possibilidades outras de espaços.

Nossos corpos trans ali, no interior dos muros educacionais, estão realizando uma *pedagogia da monstruosidade* a todo momento, à medida que desafiam a comunidade escolar a compreender quem somos, as nossas singularidades, as nossas demandas, a sermos vistos de fato. E ao nos enxergar, possuem a possibilidade de refletir sobre seus próprios corpos, sobre suas trajetórias, seus privilégios, e desejos. À medida que um corpo trans está dentro de uma sala de aula, indo contra toda a estrutura social que não nos quer ali dentro (Benevides, 2023, Vergueiro 2016), ele surge como confronto à regra e quebra dessa normalidade vigente: nossos corpos existem, e estarão em todos os lugares, inclusive dentro das salas de aula.

BIBLIOGRAFIA:

- ALVES, Nilda; FERRAÇO, Carlos Eduardo. **Conversas em redes e pesquisas com os cotidianos**: a força das multiplicidades, acasos, encontros, experiências e amizades. In: RIBEIRO, Tiago; SANTIAGO, Carmen Sanches; SOUZA, Rafael de. (orgs.) **Conversa como metodologia de pesquisa**: por que não?. Rio de Janeiro: Ayvu, 2018.
- BENEVIDES, Bruna G. **Dossiê**: assassinatos e violências contra travestis e transexuais brasileiras em 2022 / Bruna G. Benevides. ANTRA (Associação Nacional de Travestis e Transexuais) – Brasília, DF: Distrito Drag; ANTRA, 2023. 109p.
- FOUCAULT, Michel. **O corpo utópico, as heterotopias**. São Paulo, SP: n-1 edições, 2013.
- INGOLD, Tim. **Estar vivo**: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição. Tradução de Fábio Creder. Petrópolis: Vozes, 2015.p. 25-41; 49-69 e 144-152.
- _____. **“Traçando a linha”**. In: Fazer: Antropologia, Arqueologia, Arte e Arquitetura (seleção de capítulos). Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2022. P. 164-185.
- MACHADO, Daniel; MORAES, Taiza Mara Rauen. **Fotografia rizomática**: uma proposta para cartografia de memórias. Palíndromo, Florianópolis, v. 13, n. 29, p. 161–172, 2021. DOI: 10.5965/2175234613292021161. Disponível em: <https://periodicos.udesc.br/index.php/palindromo/article/view/16925>. Acesso em: 11 out. 2023.
- SHABEL, P. N. **Tratado de teratos-pedagogía**. Un análisis cuir de docentes y estudiantes en la escuela. Revista de la Escuela de Ciencias de la Educación. Dossier. 2(18), 1-15. 2023.
- OLIVEIRA, Danilo Araújo de; PARAÍSO, Marlucy Alves; e SILVA, Sandra Kretli da. **Metodologias de Pesquisas Pós-Críticas**: fraturas, aberturas e expansões nas investigações em educação e currículos. Acta Scientiarum. Education, v. 45, e69053, 2023. Doi: 10.4025/actascieduc.v45i1.69053. Disponível: <http://periodicos.uem.br/ojs>. Acesso em: 03 set. 2023.
- PRECIADO, Paul B. **Um apartamento em Urano**: crônicas da travessia. 1ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.
- SILVA, Lenina Lopes Soares. **Lições do passado**: memórias e narrativas autobiográficas em perspectivas para o futuro. *e-cadernos CES* [Online], 02 | 2008, posto online no dia 01 dezembro 2008, Acesso em: 10 outubro 2023. URL: <http://journals.openedition.org/eces/1327>; DOI: <https://doi.org/10.4000/eces.1327>.
- VERGUEIRO, Viviane. **Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes**: uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normatividade. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal da Bahia, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências, 2016.